

## ORTEGA Y GASSET E A TRADIÇÃO FILOSÓFICA<sup>1</sup>

José Maurício de Carvalho (UFSJ)<sup>2</sup>

mauricio@ufsj.edu.br

**Resumo:** Neste artigo examinamos o significado da história da filosofia no raciovitalismo de Ortega y Gasset. O filósofo entende que não se pensa filosoficamente sem tratar simultaneamente os problemas atuais e os sistemas pretéritos, por isto a história da filosofia é uma disciplina da Filosofia. Para ele, em nenhuma outra ciência adquire a história do seu desenvolvimento um significado tão grande quanto na Filosofia. O artigo mostra ainda como, segundo Ortega y Gasset, a criação filosófica se liga ao momento cultural em que foi produzida, indica a importância da crença como pano de fundo dos pensamentos e mostra como o pensador distingue os grandes períodos da filosofia.

**Palavras-chave:** História da Filosofia; Raciovitalismo; Crença; Períodos; ideias marcantes.

### I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para entender as considerações orteguianas sobre a história da filosofia não se pode perder de vista o eixo nuclear do raciovitalismo que é o estudo da vida em seu percurso histórico<sup>3</sup>. Para Ortega y Gasset, a meditação filosófica é produto de uma subjetividade mergulhada num contexto cultural que pensa como as coisas são numa dada circuns-

---

<sup>1</sup> Recebido: 01-08-2011/Aprovado: 14-07-2012/Publicado on-line: 15-09-2012.

<sup>2</sup> José Maurício de Carvalho é Professor Titular da Universidade Federal de São João del-Rey, São João Del-Rey, Minas Gerais, Brasil.

<sup>3</sup> No trabalho *Gillemo Dilthey y la idea de vida*, o filósofo explica que este desafio foi percebido por Dilthey: “A nova grande ideia em que o homem começa a estar é a ideia de vida. Dilthey foi um dos primeiros a subir nesta costa desconhecida e caminhar por ela” (166).

tância, isto significa que para entender o homem e o que ele faz “não basta olhar o eu, é preciso mirar também o que o envolve” (CARVALHO 2010, p. 115). Quando se olha o eu numa circunstância nota-se, entre outras coisas, sua historicidade. Tudo o que o homem pensa e faz é datado e o resultado, como diz Julián Marías (2004) é que: “a razão vital é histórica, e, portanto, narrativa” (506) <sup>4</sup>. Tal entendimento indica a importância de estudar a história da filosofia, pois para saber da vida é preciso pensá-la na cadeia temporal das crenças e ideias, sem o que cada filosofia não mostra toda sua complexidade. Cada filosofia tem uma dinâmica própria que olhada desde dentro, permite compreendê-la na relação com as ideias já existentes e com as crenças, projetos e usos de certo momento da cultura. Para o filósofo não se pode compreender uma filosofia sem olhá-la na circunstância em que foi elaborada.

Um aspecto importante da filosofia orteguiana, isto é, a salvação da circunstância como desafio supremo do ato de viver, é outro aspecto de sua filosofia que fica mais bem entendido com o exame da tradição filosófica. Salvar a circunstância de cada um é salvar, no fundo, a si próprio dos limites de uma situação, porque como o filósofo explicou nas *Meditaciones del Quijote* (1914) eu sou eu e minha circunstância e se não salvo a ela, não salvo também a mim. Salvar a si é o desafio de cada homem e também de cada filósofo na história e isto fica evidente quando entendemos as filosofias como resposta a dúvidas de certo tempo.

Este aspecto do raciovitalismo orteguiano se esclarece

---

<sup>4</sup> O conceito de circunstância é inseparável do eu diz Ortega y Gasset. No artigo, *O conceito de circunstância em Ortega y Gasset* mostramos que: “o conceito de circunstância contempla o entorno que não se resume à paisagem representada pelo ambiente social” (335).

com os trabalhos da década de 20, começando por *España Invertebrada* (1921), onde o pensador diz que é preciso observar a realidade vivida. Como comenta Droguet, naquela década Ortega y Gasset já tem claro que (2002): “a razão sempre está enraizada na vida” (28). A partir dos anos vinte ele aprofunda sua percepção de que o conhecimento radical da verdade pretendida pela Filosofia depende do conhecimento e evolução da meditação filosófica no decorrer da história. A mais tradicional tarefa da filosofia é a que nasce em torno da pergunta pelo ser. É a avaliação da história da filosofia que permitirá entender, por exemplo, que o problema do ser foi tratado como abstração da coisa material pela filosofia antiga e medieval. É na história da filosofia que descobrimos ser Kant o proponente de uma nova forma de metafísica onde os entes cognoscíveis não existem para nós a não ser quando lhes reconhecemos uma realidade manifesta em nossa consciência. Kant afirmou que o ser não é nada em si e que só na consciência pode ser algo ou não ser. Isto representou uma revolução em relação à forma de pensar anterior. A contraposição entre a forma antiga e medieval de tratar o ser e a que se segue na modernidade é um assunto fundamental da história da filosofia. O estudo comparativo da forma de tratar o problema revela que a razão é histórica.

Sendo a razão histórica fundamental para o exercício da razão vital, o estudo da história da filosofia torna-se assunto importante de investigação no raciovitalismo. Isto é assim porque, lembra Sciacca (1968): “o ser da vida humana é o fazer-se, a sua realidade é histórica” (200). Os textos principais de Ortega y Gasset sobre o assunto são: *Origen y epílogo de la filosofía* e *La idea de principio en Leibniz* nos quais ele trata o passado da filosofia como o registro do esforço,

ainda que insuficiente, do relato da verdade. É este material o pano de fundo da reflexão que o filósofo desenvolverá no próprio esforço para superar as insuficiências anteriores e produzir segundo a evolução dialética uma nova forma de chegar ao real, uma maneira melhor de apresentar a verdade de acordo com seu tempo e lugar. O que ele faz é o desafio para todo filósofo.

Além das obras mencionadas no parágrafo anterior Ortega y Gasset também trata a história da filosofia como problema de investigação em outros livros, ensaios, comentários e pequenos artigos. São os seguintes trabalhos onde o tema parece importante: *Comentario al banquete de Platón* e *Tocqueville y su tiempo* no volume IX; *Guillermo Dilthey y la idea de la vida*, *Historia de la filosofía de Karl Vorländer*, *A historia de la filosofía de Emile Bréhier* e *Biblioteca de ideas del siglo XX*, estão no volume VI; *Guizot y la historia de la civilización en Europa*, *Apuntes sobre el pensamiento, su teurgia y su demiurgia*, *En el centenario de Hegel* e *Defensa del teólogo frente al místico* no volume V; Os ensaios: *Goethe - el libertador*, *Pidiendo un Goethe desde dentro*, *El problema de China - un libro de Bertrand Russell*, *La filosofía de la historia de Hegel y la historiología* e *Max Scheler, un embriagado en essencias*, no volume IV; *El tema de nuestro tiempo*, *Las Atlántidas* e *La metafísica de Leibniz*, no volume III e *Hegel e a América*, no volume II. Este é o material que usaremos neste trabalho.

## II. PENSAMENTOS QUE SEGUNDO ORTEGA Y GASSET NORTEIAM A HISTÓRIA DA FILOSOFIA

O historiador da filosofia trabalha com uma tradição de filosofemas. Como ele acolhe as idéias passadas? Ortega y

Gasset pensa a tradição filosófica como um movimento em torno de nexos profundos que unem as filosofias. Nesse aspecto suas ideias guardam semelhança com as de Georg Hegel na *Introdução à História da Filosofia*. Naquele livro o filósofo alemão completa o que já antecipara em outros trabalhos, embora os sistemas filosóficos pareçam isolados eles manifestam a evolução do Espírito Universal. Ortega y Gasset esclarece este propósito em *Hegel e a América* dizendo: “A lógica de Hegel desenvolve este processo ideal que, de etapa em etapa, esclarece ante si mesmo, desvela e revela o Espírito” (564). Ao se referir ao desenvolvimento da Filosofia como a flor excelsa do Espírito, Hegel considera o ponto de chegada do Espírito o conceito que o Sujeito universal forma de si mesmo, “ele é o que possui e rege o mundo e é resultado de seis mil anos” (*idem*, 566). O nosso filósofo, como Hegel também fez, atribui grande importância à história da filosofia. “A história da filosofia, como a postula Ortega y Gasset, é uma relação entre o homem e suas ideias” (CARVALHO 2002 234). No entanto, para nosso pensador, a tradição não é o movimento de uma consciência universal à moda hegeliana.

A primeira ideia que parece óbvia a Ortega y Gasset é que os sistemas reunidos na grande tradição filosófica, apesar da pretensão de dizer a verdade, não conseguem fazê-lo perfeitamente. O fato obriga a revisar permanentemente as teorias passadas antes de pensar coisas novas. No ensaio *La História de la Filosofía de Emile Bréhier* Ortega y Gasset diz o valor do passado filosófico do seguinte modo: “Não só nossa particular filosofia surge em uma particular tradição intelectual – de um povo, de uma época, de uma escola – senão que a Filosofia toda é uma só e imensa tradição” (404). Compreendido como o alimento do novo, o passado filosó-

fico é uma espécie de estímulo para renovar a investigação. No artigo *Guizot y la História de la civilización en Europa* o filósofo afirma: “Quem quiser de verdade perceber claramente o que se passa hoje no mundo, antes necessita repassar a fundo, com os olhos abertos, a história europeia do século XIX” (251). A mesma questão aparece de forma mais genérica em *Origen y Epílogo de la Filosofía* onde o filósofo afirma: “A história do passado filosófico é uma catapulta que nos lança por espaços ainda vazios de futuro até uma filosofia por vir” (350). O que o filósofo afirma é que dizer a verdade é uma tarefa inconclusa porque sempre há algo por completar, pois o já feito não esgotou tudo que havia para investigar. O material produzido deixa lacunas e erros e reconhecê-los é tarefa tipicamente filosófica. As filosofias começam apontando os limites das anteriores, fazendo das críticas às teorias antigas o próprio caminho de aproximação da verdade. Há uma diferença fundamental entre a razão histórica orteguiana e o que propõe o idealismo absoluto de Georg Hegel, para o alemão a verdade inteira se revela no momento de sua interpretação. Esta forma hegeliana de tratar a história faz o passado ser o alimento de um presente eterno. Tal maneira de pensar teve enorme repercussão na forma de tratar a história no século XIX, como indicamos no artigo *O século XX em el Espectador de Ortega y Gasset* (2010): “Esta forma de pensar própria do historicismo do século XIX, na qual sucumbiu Splenger e que concebe o intemporal como o passado de um presente definitivo é a interpretação do real histórico de Hegel” (12). Ortega y Gasset resume o propósito de Hegel no artigo *En el centenário de Hegel* da seguinte maneira: “Esta é a máxima preocupação de Hegel: encontrar um ponto de vista que não seja qualquer um, mas aquele único desde o qual se

descobre a verdade inteira, a verdade absoluta” (419). Ortega y Gasset não considera que em algum tempo seja possível ir além da formulação parcial ou incompleta da verdade, o que o leva a dizer: “o Espírito em Hegel é uma enormidade em todos os sentidos da palavra: uma enorme verdade, um enorme erro e uma enorme complicação” (*idem*, 420). O que isto significa? A filosofia é busca da verdade, as formulações históricas somente a alcançam parcialmente, não tratar assim a questão promove uma enorme complicação. Ele esclarece a relação entre verdade e sua problematização em *El tema de nuestro tiempo*: “se queremos atingir a história viva e perseguir suas sugestivas ondulações temos que renunciar a ideia de que a verdade se deixa captar pelo homem” (157).

Um *segundo* pensamento que, para nosso filósofo, orienta o historiador da filosofia é o reconhecimento de que cada sistema, apesar dos erros que contempla é instrumento para chegar à verdade. Isto faz da História da Filosofia uma ciência. Ortega y Gasset atribui a Hegel esta façanha em *História de la Filosofía de Karl Vorländer* onde afirma: “Foi inesperado o descobrimento representado pelo passado filosófico uma vez que Hegel elevou a História da Filosofia à condição de ciência” (298)<sup>5</sup> E Ortega y Gasset explica em que consiste considerá-la ciência em *Origen y Epílogo de la Filosofía*. Ali afirma: “a filosofia em seu alforje possui um acúmulo de erros reconhecidos *ipso facto* que se convertem em auxiliares da verdade” (354). O historiador da filosofia usa os erros no processo investigativo.

---

<sup>5</sup> No ensaio *La Historia de la Filosofía de Emile Bréhier*, o filósofo explica o primeiro objetivo da disciplina entendida como ciência filosófica, iniciar a compreensão da tradição filosófica. Ali diz: “A História da Filosofia é, enquanto ciência, uma das disciplinas mais recentes: em verdade, não conta mais de cem anos. Durante a segunda metade do século passado teve de se dedicar ao mais óbvio: reconstruir, com primeira aproximação, o pensamento das grandes figuras da filosofia” (379).

Estudar o erro dos antecessores ajuda o filósofo na busca da verdade. Aquele que toma o erro como problema mostra-se dedicado à causa da verdade. Os gregos cuidaram de ir além da verdade concebida num dado momento, não se contentaram com as formulações feitas. Chegamos ao *terceiro* pensamento que orienta o historiador da filosofia: a valorização da atitude cética. O ceticismo tem um componente importante porque impulsiona a permanente procura pela verdade. A busca da verdade não pode ser interrompida. Quando se aponta um erro, ele revela uma verdade incompleta, o que quer dizer que os sistemas “têm razão em parte, portanto, são partes da razão” (*idem*, 359). As verdades presentes nos sistemas são parciais, mostrando que é aproximativa a procura da razão pela verdade, mesmo que a pretensão de dizer a verdade desafie o filósofo. Hegel diz algo semelhante na *Introdução à História da Filosofia* (1988):

Toda filosofia nova sustenta que todas as outras nada valem; toda filosofia se ergue com a pretensão não somente de refutar as filosofias precedentes, mas de corrigir, além disso, os seus defeitos e de suprir as imperfeições delas e de ter encontrado a verdade (99).

Deparando na história com verdades incompletas ou parciais, adotadas como estímulo para continuar a investigação, chega-se ao entendimento de que as verdades incompletas do passado continuam nas novas filosofias, esta é a *ideia final*. “Em cada filosofia estão todas as demais, como passos que há de se dar na série dialética” (360). No passado há erros e acertos, um pouco de cada coisa. Tal realidade impede descartar qualquer teoria do passado, seu estudo e conhecimento é parte da procura da verdade. Neste ponto há uma aproximação do entendimento orteguiano com a tese hegeliana de que todas as filosofias se conservam na formulação mais recente como momento de um modo



afirmativo.

As ideias orientadoras sugerem que para lidar com teorias passadas o historiador da filosofia precisa deixar de lado tendências, convicções e entendimentos sob pena de não entender as ideias que ele quer examinar, afirma-o em *Las Atlantidas*: “o historiador precisa elevar-se sobre o que constitui sua própria existência, necessita transpor o horizonte de sua vida, relativizar as convicções e tendências mais radicais do seu espírito” (308). Este esforço, no tanto que é possível ser executado, é o desafio do historiador da filosofia.

### III. COMEÇANDO A FAZER HISTÓRIA DA FILOSOFIA, A ORIGEM DO FILOSOFAR NA SUPERAÇÃO DOS MITOS

A atividade filosófica começou há pouco mais de dois milênios e meio na Antiga Grécia. O fato pode ser localizado geográfica e historicamente. O que é mesmo a Filosofia? No ensaio *Defensa del teólogo frente al místico* Ortega y Gasset a apresenta como esforço de dizer de forma simples o que é difícil e complexo. Ele diz: “A Filosofia é um gigantesco esforço de superficialidade, que dizer, de trazer à superfície e tornar patente e claro [...] o que estava subterrâneo, misterioso e latente” (456). Filosofar é, portanto, simplificar, clarear.

A simplificação da realidade representa na Antiga Grécia a superação do modo antigo e religioso de ver o mundo. A forma mítica parece inadequada naquele século. O mundo ficou à espera de nova explicação com o vazio deixado pelos deuses. A atenção à circunstância em que algo é pensado é fundamental para atingir seu significado verdadeiro, avalia Ortega y Gasset. No caso da origem o fi-

losofar é um desafio nascido do buraco deixado pelos deuses. Há de se considerar que o desafio não é apenas cognitivo, ele envolve o pensador por inteiro. “Para Ortega y Gasset o deslumbramento não é um problema de origem cognitiva, antes surge como desafio humano” (CARVALHO 1996, 87). Como ele esclarece no ensaio *História de la Filosofía de Emile Bréhier*: “A teoria tomada em sentido abstrato que sempre, em princípio, nos oferece, a ideia será uma ideia morta, uma múmia, e seu conteúdo a imprecisa ilusão humana que a múmia sustenta” (392).

Na antiguidade grega havia tantos deuses quantos eram as coisas e movimentos, sendo difícil separar uns dos outros. As mudanças representadas pelo advento da Filosofia podem ser comprovadas pelo modo como Tales de Mileto se referiu aos deuses. Eles se tornaram coisas nas palavras daquele que é considerado o primeiro filósofo. Em *Apuntes sobre el pensamiento, su teurgia y su demiurgia* o filósofo explica a mudança que permitiu ao filósofo Tales de Mileto tratar o mundo desta forma: “só na Grécia o homem se entregou sem reservas a este mister, porque só ali e então se instalou a crença de que o real era plena e puramente ser” (533). Quando os filósofos posteriores a Tales mencionam os deuses, eles têm em vista um principio teórico concebido racionalmente e não mais as antigas divindades cultuadas pelas cidades-estado. Este fato representa profunda alteração no espaço cultural, a crença no ser das coisas faz surgir o homem que pensa em substituição ao que tem fé nos deuses antigos, diz Ortega y Gasset em *Origen y epílogo de la filosofía*: “durante o século V a.C. se formou um tipo de homem novo: o pensador” (422).

Ao abordar a gênese da história da filosofia, Ortega y Gasset destaca o debate entre Heráclito e Parmênides. Os

dois desenvolveram suas filosofias em meio às transformações ocorridas no pensamento religioso vigente, substituída a religião tradicional pela teologia órfica e pela crença na existência do ser das coisas. Nosso pensador explica o significado disto: “Parmênides elabora suas ideias em molde de poema solene que pertence ao gênero literário mais característico da época: o poema teológico-cosmogônico dos mitos órficos” (*idem*, 399). A deusa mencionada no texto parmenídico não é do mesmo tipo dos deuses tradicionais, ela orienta os homens na busca da verdade. Aquela divindade está longe de ter o mesmo apelo dos antigos deuses, esclarece Ortega y Gasset: “Para um autêntico crente nos deuses, o poema de Parmênides pareceria pálido, tíbio e friamente alegórico” (*idem*, 402). Por outro lado, uma deusa que acompanha o pensador em sua procura pela verdade, aponta para um mundo que merece ser estudado profundamente, além das opiniões vulgares (*doxa*).

Heráclito constrói seu pensamento de modo diverso do de Parmênides. Ao invés do *logos* mítico e dos deuses mencionados pelo filósofo eleático, ele trata da realidade e de sua sustentação a partir das experiências humanas do mundo. Na Jônia, região onde viveu o filósofo, o distanciamento da mitologia é maior que em outras partes do país. De fato, os textos heraclíticos, apesar de elaborados sob inspiração mítica, “são radicalmente hostis à religião tradicional e aos mistérios ocultos” (*idem*, 405).

O que aproxima as meditações de Heráclito e Parmênides é a expressão de um ofício regular vivido solenemente e que se contrapõe às opiniões e manifestações espontâneas e assistemáticas do cidadão. Com estes dois pensadores o filosofar tornou-se uma ocupação singular concorrente das crenças religiosas tradicionais. Para não afrontar os crentes

mais conservadores, ambos evitaram o nome de sábios e preferiram o de amigos do saber (filósofo). O nome tinha a vantagem adicional de parecer uma atitude vaga que não se confundia com o trabalho dos sofistas, cuja atividade profissional era bem reconhecida entre os gregos. O nome mais adequado para a atividade emergente acredita Ortega y Gasset seria *aletheia*, ou revelação da verdade, às vezes usado por Parmênides. Contudo, a circunstância histórica consolidou o nome Filosofia, apesar da elegância e precisão contidos na palavra *aletheia*.

A referência aos dois pensadores, a precisão do objeto de investigação, isto é, a busca da verdade e a superação do modo mítico de pensar a realidade significa que, para Ortega y Gasset, a Filosofia começou sua jornada ocupando o vazio deixado pelos deuses tradicionais, quando eles foram expulsos do universo cultural grego por volta do século VI A.C.

#### IV. A INVESTIGAÇÃO SOBRE A REALIDADE REVELA A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Ortega y Gasset considera que aquilo que denominamos ser é o que aparece para nós, o que se apresenta diante de nossos olhos. O Ser não é criação nossa, tem algo de si e não se restringe ao que dele pensamos. Se assim não fosse não teríamos uma flor, “mas uma visão de flor, um pensamento de flor” (768), diz o filósofo no *Comentário al banquete de Platon*. Ele completa seu entendimento da realidade lembrando que o mundo não se compõe de coisas e nem se pode falar que seja estruturado sobre matéria e/ou espírito, como considera a metafísica antiga e o idealismo. Eis o que afirma: “Coisa não é nome de nenhuma realidade, mas de

uma ideia nossa com a qual se quis durante milênios representar a realidade” (*idem*, 769). Como surgiu esta idéia, como ela adquiriu o significado que hoje possui? Ortega y Gasset recorda no seu estudo sobre *Max Scheler* que “para que o mundo tenha sentido, basta com que ele e as coisas tenham um modo de ser. Não importa qual. Que sejam o que são já é suficiente” (508). Como entender o sentido que foi atribuído às coisas ao longo do tempo? Apenas examinando a história da filosofia é possível compreender que o vocábulo *coisa* assumiu historicamente um significado distante do sentido inicial que teve entre os antigos gregos. As mudanças na forma de pensar a realidade acontecem porque os filósofos são movidos “por uma necessidade íntima, quer dizer, pessoal” (328), conforme explica o pensador em *Tocqueville y su tiempo*. Então o que cada pensador trata por realidade é algo próprio, ainda que tenha influência do que foi dito por seus antecessores.

O afastamento do sentido primordial do conceito coisa começou quando os antigos gregos principiaram a duvidar do que existe. Eles duvidaram de muita coisa: dos deuses, das obrigações que eles impunham, dos deveres e normas da vida, dos oráculos, etc. As dúvidas eram problemas vitais para todo pensador grego. Cada qual procurou uma palavra que definisse o que verdadeiramente há diante do que só ilusoriamente existe num mundo cheio de deuses. E o que existe de verdade é o *ente*. Ao procurar dizer o que é a realidade, cada filósofo identifica atributos que ganham luminosidade no conjunto reunido na tradição filosófica. Descobrir o sentido deste conjunto é o trabalho da história da filosofia: “a exposição, em sequência cronológica, das respostas que foram dadas à pergunta inicial do que faz a filosofia, ela é a história do afastamento contínuo da signifi-

cação que sofreu a pergunta mesmo” (*idem*, 774) <sup>6</sup>.

O afastamento do significado original da palavra ente teve momento marcante com Aristóteles. Foi ele quem inventou, para se referir aos entes, a palavra *substância*. O principal atributo da substância é que ela independe do homem, é algo que existe em si. Porém, esta característica não diz tudo. Para estudá-la Aristóteles criou a ontologia, um estudo genuíno dos seres. O conceito aristotélico acabou se tornando o modo de pensar do ocidente, isto é, difundiu-se a noção de que estamos cercados de coisas no sentido de substância e não no significado original que teve a palavra ente. Há uma diferença significativa entre a ideia de substância e a de ente que só o estudo da história da filosofia mostra. Para conhecer o problema inicial em torno do qual a filosofia surgiu e as mudanças que sofreu é necessário conhecer bem a história da filosofia.

## V. DIFERENÇAS ENTRE A FILOSOFIA ANTIGA E A MODERNA

O livro *La idea de principio de Leibniz y la evolución de la teoría deductiva* de Ortega y Gasset, foi escrito no verão de 1947, na cidade de Lisboa. Na obra ele aprofunda o historicismo raciovitalista e os problemas contidos em *Origen y epílogo de la Filosofía*, daí a importância deste livro para aprofundar o que ocorreu com o legado iniciado pelos gregos.

Ortega y Gasset começa o livro tratando do conceito de experiência utilizado pela ciência moderna. A ciência moderna foi um dos assuntos centrais da Filosofia. Ortega y

---

<sup>6</sup> Ao comentar a *História da Filosofia*, de Karl Vorländer, Ortega y Gasset explicita a importância da *História da Filosofia* ao dizer que não se aprende filosofia “se não se leva paralelamente o estudo dos problemas atuais e dos sistemas pretéritos. Em nenhuma outra ciência adquire a história do seu desenvolvimento o valor de instrumento imprescindível para a nova e atual investigação” (292).

Gasset compara a forma moderna pensar o mundo, representada pelas ideias de Descartes e Leibniz, com a maneira tradicional herdada de Aristóteles e Euclides. O pensamento moderno é idealista, ele afirma repetindo o que dissera em *Goethe, desde dentro*: “O idealismo é o movimento que começa com Descartes e que leva o homem a encerrar-se dentro de si. Sua forma extrema é a mônada, que não tem janelas e exclui o lado de fora” (426).

O título do livro *La idea de principio de Leibniz y la evolución de la teoría deductiva* contempla o pensamento de Leibniz como referência do modo de pensar moderno. Para Ortega y Gasset, Leibniz representa melhor que qualquer outro filósofo, um pensador de princípios. Leibniz é, neste sentido, uma referência para os estudiosos da história da filosofia. Ortega y Gasset afirma no artigo *La metafísica y Leibniz* que aquele filósofo pensou muito bem seu sistema por isto ele pode ser facilmente exposto: “O único sistema filosófico que pode ser exposto integralmente em poucas páginas é o de Leibniz” (431). Os sistemas filosóficos se sustentam em princípios: “Em filosofia isto se leva a extremos [...], se exige dos princípios que sejam últimos, isto é, em sentido radical, princípios” (63). Leibniz é, na avaliação de Ortega y Gasset, o filósofo mais completo da modernidade e pela extensão de seus interesses e estudos pode ser comparado ao papel que Aristóteles representou para a antiguidade. Leibniz é o Aristóteles moderno, mas o que pensou Aristóteles? Para avaliar o aristotelismo é necessário separar as ideias de Aristóteles mesmo de suas interpretações posteriores. Ortega y Gasset entende que os princípios filosóficos cristalizam uma concepção de mundo e que ela é a base das crenças que expressam a forma de pensar de certo tempo.

Na tentativa de estabelecer princípios radicais para es-

truturar o real, cada filósofo desenvolve um método novo para tratar os problemas que o desafiam, ainda que no processo conserve algo da tradição, explica no livro *La idea de principio de Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*. A filosofia antiga entendia que as coisas são ou parecem ser de determinado modo, “as coisas não dependem de nosso arbítrio reconhecer ou não” (72), elas são como são. Quando do surgimento da ciência moderna, Galileu afirmou que os teoremas geométricos são válidos para tratar os fenômenos físicos, isto é, “basta a Física supô-los para eles serem válidos” (*idem*, 76). O problema foi mais claramente tratado em *La filosofía de la historia de Hegel y su historiografía* onde o vínculo observação e teoremas ficou mais claro. Ali afirmou: “A inovação substancial de Galileu não foi o experimento, se por ele se entende a observação dos fatos. Foi, ao contrário, a anexação da teoria ao puro empirismo que observa os fatos” (527). Esta forma de pensar o mundo foi modificada nos séculos seguintes para se admitir que apenas alguns pontos da teoria coincidem com a realidade. A mudança em relação ao pensamento antigo fez surgir os símbolos e mais recentemente a ideia de probabilidade como representação dos movimentos do mundo.

No momento em que viveu Leibniz era a Física que fazia o discurso verdadeiro sobre a realidade. Leibniz representa a visão que a nova ciência tem do mundo, explica Ortega y Gasset no livro *La idea de principio de Leibniz y la evolución de la teoría deductiva* que a Filosofia estava coagida pelo modelo da ciência: “a Filosofia tem que contar com o modo de pensar destas ciências, quer dizer, tem que se considerar Ciência” (90).

René Descartes, ao lado de Leibniz, é outro filósofo importante do período e está envolvido com a revisão da



álgebra. A álgebra parte de uma intuição básica, a de que o número traduz o real, isto é, “há uma correspondência entre o número e a extensão” (*idem*, 98). Descartes percebeu as possibilidades contidas nesta forma de pensar, dando início à Geometria Analítica. O resultado foi que a busca da verdade e da relação entre as coisas ganhou nova possibilidade nas formulações da ciência e filosofia modernas.

A tradição matemática euclidiana e aristotélica fundamenta o saber num princípio do qual os demais princípios dependem. O estudo da matemática aristotélico-euclidiana permite diferenciá-la do pensamento moderno. Eis como Ortega y Gasset trata dessa tradição: “A teoria dedutiva do tipo aristotélico-euclidiana consiste em deduzir proposições partindo de princípios cuja verdade é evidente” (*idem* 127). Essa forma de pensar possui caráter próprio. A definição de ponto, por exemplo, tem um significado puramente lógico, não é algo que se refira a um ente que existe no mundo. Logo, uma verdade anunciada por Euclides não assegura a existência da coisa. A verdade que traduz a expressão matemática não tem coincidência exata com as coisas do mundo, pois a expressão matemática quer possuir uma exatidão que o olhar humano não possui. No caso das formulações de Descartes e Leibniz, os princípios matemáticos não fornecem uma intuição perfeita dos seres, mas uma visão íntima que a consciência forma do mundo. Nem uma maneira nem outra consegue a exatidão pretendida pela geometria. As duas posições mesmo considerando a falta de correspondência entre o mecanismo do mundo e sua representação, possuem uma diferença fundamental, os antigos pensam a partir dos seres, os modernos das ideias. A teoria aristotélico-euclidiana parte do real, tentando extrair das coisas o que há de comum entre elas. O problema é sa-

ber como fazer a operação. Os princípios aristotélicos devem estar sob a forma inteligível retirada dos dados sensíveis. Para Aristóteles, é pela definição das coisas que o raciocínio começa, ele apreende o que é invariável sob o que se modifica no mundo. Os modernos pensam diferente, eles se perguntam como fazer para chegar ao essencial das coisas partindo da imaginação.

Antes de prosseguir a comparação entre as formas antiga e moderna de examinar o mundo, Ortega y Gasset considera fundamental separar um sistema de suas interpretações. O aristotelismo deve ser separado das interpretações medievais. O motivo ele esclarece: “Os frades da Idade Média recebem a filosofia grega, porém não recebem, claro está, os pressupostos, as peripécias históricas que obrigaram os gregos a criar a filosofia” (*idem*, 215). A escolástica foi uma espécie de recepção de idéias desconectadas da realidade histórica em que foram pensadas. As ideias não podem ser separadas do seu tempo.

Ortega y Gasset denominará escolásticas todas as tentativas existentes, ao longo da história da filosofia, de reproduzir elaborações filosóficas fora do contexto em que foram concebidas. A importância disto foi observado por Concha Roldán (2003, 30): “não se pode compreender a realidade histórica denominada filosofia escolástica, se não se começa a construir a ideia de escolasticismo”. Ortega y Gasset apresenta como exemplo de escolasticismo a Ontologia: “ela é uma coisa que se passou aos gregos, e não pode voltar a se passar a ninguém” (*idem*, 217). Na frase anterior o filósofo mostra que escolasticismo é toda filosofia recebida de longe, que pertence a uma realidade cultural distante.

O pensamento escolástico e as limitações decorrentes de sua inadequada apropriação de ideias foram abandonadas

dos pelos filósofos modernos. Ortega y Gasset lembra que: “Descartes começa esvaziando a tradição cultural europeia, isolando-a, aniquilando-a” (*idem*, 225). Como sabemos Aristóteles estabeleceu uma continuidade entre a matéria e os números, entendimento aceito na Idade Média. O pensamento analógico não tinha força científica para Aristóteles, afastava-se da realidade e é este caminho rejeitado por Aristóteles o escolhido por René Descartes, para quem as coisas aparecem como relações. Assumida como forma de entendimento, Descartes considera a dedução um método válido para qualquer ciência e propõe o método para pensar como preâmbulo da ciência. Ele não necessita valer-se da Metafísica como fizera Aristóteles. Eis a razão pela qual “a nova ciência não se ocupa das coisas como coisas, mas como relações e proporções” (*idem*, 244). Reside nisso a diferença fundamental entre a antiga e a nova ciência.

O aristotelismo produziu, no decorrer da história, outro problema, que Descartes e Leibniz precisaram superar: a aproximação entre o sensualismo e o materialismo. O vínculo entre as teorias foi assumido pelo estoicismo entendido como extensão do aristotelismo. O critério de verdade do estoicismo é uma crença usada na relação com o mundo. Qual a importância das crenças? Quem não vive na crença mergulha na dúvida. A crença é uma verdade na qual as pessoas vivem sem duvidar. Elas estão presentes nas filosofias que traduzem um sentido para o mundo. “O filósofo considera a crença uma forma mais radical de perceber o mundo do que o exame racional dos problemas” (CARVALHO 2003, 36). É o que o afasta de análises como a de Bertrand Russell para quem o pensamento positivo e a ciência foram as únicas coisas de valor que o ocidente produziu. Ortega y Gasset comenta *El problema de China* que

“Russell acredita que a cultura européia, se excetuar o método científico é um puro erro e encontra na espiritualidade chinesa vantagem em todo o essencial sobre a nossa” (502). A conclusão orteguiana é diversa: o ocidente produziu um legado magistral com a tradição filosófica.

## VI. AS CRENÇAS E A FORMAÇÃO DAS FILOSOFIAS

A inserção das crenças no historicismo de Ortega y Gasset se explicita nos conceitos *ideoma* e *draoma*. Toda teoria filosófica se apresenta em um conjunto sistemático de ideias ou *ideoma*. Uma filosofia é a reunião das ideias de um autor, mas não só. As teorias filosóficas possuem também pressupostos que ele toma como certos do tempo em que vive. Sobre isto observou Amoedo (2002, 401): “Uma filosofia integra um sistema de *ideomas* e, de modo subjacente como seu subsolo, elementos invisíveis do plano do vivido em que o filósofo está ou é”. Essas assertivas de fundo que estão implícitas no sistema não são sequer pensadas porque parecem absolutamente evidentes ao pensador e seus contemporâneos, isto é o *draoma*. O *draoma* não é a crença, mas é o ingrediente dela. Os pressupostos, as verdades vividas e nem sequer pensadas são os componentes das crenças. Como a crença se explicita no estudo dos filósofos? Ortega y Gasset assim exemplifica: “As causas mais radicais em que Aristóteles acreditava, isto é, que os sentidos nos mostram verdadeiramente o ser [...] estão, não em Aristóteles, mas em toda a vida grega nos três séculos anteriores a ele” (*idem*, 259). O *draoma* é uma ação vivente ou um ingrediente dela e elemento fundamental com o qual Ortega y Gasset estuda os sistemas filosóficos. Dito de outro modo em *Apuntes sobre el pensamiento, su teurgia y su demiurgia* a relação entre a

teoria filosófica e sua circunstância assim é expressa: “Toda filosofia deliberada e expressa se move no âmbito de uma pré-filosofia ou convicção que cai muda de puro ser para o indivíduo a realidade mesma” (534). O historiador da filosofia precisa entender o pensador em seu mundo, com seus desafios, sonhos e crenças, só assim chega ao autor mesmo, conforme esclarece em *Pidiendo un Goethe desde dentro*: “Não se trata de ver a vida de Goethe como Goethe a via, com sua visão subjetiva, senão entrando como biógrafo no círculo mágico desta existência para assistir ao tremendo acontecimento objetivo que foi esta vida e da qual Goethe não era um ingrediente” (401). A vida de Goethe na situação em que ele a viveu é a vida mesmo, aquela que Ortega y Gasset busca compreender, como observa Mariás em *Acerca de Ortega* (1991, 181): “O interesse de Ortega por Goethe culmina, como era esperar, na interpretação da vida mesma”.

Entendida a relação entre o *ideoma* e o *draoma* nos deparamos com outro aspecto fundamental para o historiador da filosofia, a explicação para a origem do filosofar. Quando o filósofo descobre princípios que conferem entendimento ao mundo, ele responde a problemas vitais, a questões impossíveis de não considerar. Essas questões já não podem ser respondidas pelas filosofias de outros tempos porque elas não respondem às necessidades vitais do novo tempo. Assim, filosofar significa a busca de princípios que respondem às necessidades vitais do pensador, uma vez que ele não encontra na tradição resposta para seus problemas. Em palavras ainda mais radicais, “viver é a realidade fundamental que os filósofos buscaram em toda a história da filosofia com o propósito de esclarecer o que somos nós e o que é o mundo” (CARVALHO 2010, 401).

O entendimento orteguiano de que o filosofar é uma

resposta aos problemas vitais nos coloca diante da origem do filosofar. A origem do filosofar está ligada aos desafios do filósofo e se distingue da origem histórica da tradição filosófica. No livro *La idea de principio de Leibniz y la evolución de la teoría deductiva* a atividade filosófica é parte do esforço humano para dar sentido à vida. Em outras palavras, “o homem se dedica a esta estranha ocupação que é filosofar quando, por haver perdido as crenças tradicionais, se encontra perdido na vida” (*idem*, 267). O filosofar não é, portanto, uma espécie de disposição natural para investigar o que é o ser. Esta é a razão do afastamento de Ortega y Gasset das posições heideggerianas. “O fenômeno sistemático é a vida humana e é de sua intuição e análise que temos que partir” (*idem*, 273). Chegamos ao núcleo da filosofia orteguiana aplicada à história da filosofia: é a vida o desafio de nosso tempo.

Ortega y Gasset considera Wilhelm Dilthey um grande filósofo porque ele intuiu que a vida é o problema central da filosofia contemporânea. Apesar da grande intuição, Dilthey não chega ao núcleo do raciovitalismo porque tratou o filosofar como uma disposição natural, mas o filosofar para Ortega y Gasset não é uma disposição natural, mas a resposta ao desencanto com uma crença. Quando uma crença já não responde aos problemas vitais, ela e o sistema de ideias ao qual se associa são questionados. Explica Ortega y Gasset: “Uma ânsia de certeza se apodera dele e ele viverá sem sossego, cutucado, em grande perturbação, até que consiga fabricar para a crença fraturada o aparelho ortopédico que é a certeza” (*idem*, 290).

Ao referir-se à vida como sendo o problema radical do filosofar o filósofo rejeita o entendimento heideggeriano de que o componente essencial do viver é a angústia. Se a tan-

to se resumisse a vida, o homem não desejaria continuar a viver, mas a vida não é só desespero. Existe um lado trágico na existência e, mas a vida é também esportiva. A identificação entre vida e tragédia foi uma invenção romântica. Ela não estava presente entre os gregos. A filosofia é combinação de ideias, “sua índole própria é jovial como corresponde a um jogo” (*idem*, 305).

Daí o apelo do filósofo para deixar de lado este desvio romântico: “Deixemos, pois, de intempestivos melodramas e filosofemos jovialmente, que dizer, como é devido” (*idem*, 316).

## VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da história da filosofia permite, na avaliação de Ortega y Gasset, estabelecer uma diferença básica entre o modo antigo e moderno de pensar. Há uma diferença entre o pensamento moderno de Descartes e Leibniz e o antigo aristotélico-euclidiano. Para os filósofos da antiguidade, a proposição trata da coisa mesma, para os modernos a relação descrita no mundo é uma ideia e a verdade uma relação entre ideias. Ortega y Gasset, como Immanuel Kant entende que a história da filosofia consagrou duas grandes perspectivas. As formas de pensar diferenciam os dois momentos marcantes da história da filosofia e eles precisam ser bem compreendidos pelo filósofo de nosso tempo que têm o desafio de superar os encaminhamentos dados pelo antigo realismo ou pelo moderno idealismo. É o que ele próprio desejou fazer quando elaborou o raciovitalismo, uma forma nova de reconhecer a subjetividade inserindo-a na circunstância.

A visão que Ortega y Gasset desenvolveu da história

da filosofia estruturou-se a partir de elementos de sua filosofia, pois elas tipificam sua leitura dos sistemas. Eis os principais: a origem desportiva do filosofar, as crenças formam a base dos sistemas filosóficos, a evolução da consciência humana na história nasce dos desafios das circunstâncias culturais, há uma diferença essencial entre o idealismo moderno e o antigo realismo. O método historicista do raciovitalismo desenvolvido em *Historia como sistema* aparece nos textos dedicados à história da filosofia. Algumas conclusões importantes: A razão pura não consegue alcançar a realidade cambiante e temporal da vida humana, a vida só pode ser compreendida em sua evolução histórica. Fazer história da filosofia ajuda a entender porque o homem começou a fazer filosofia desde a Grécia antiga, assunto tratado no ensaio *Apuntes sobre el pensamiento*. Quando uma crença desaparece do espaço cultural o homem se perde e precisa descobrir novas razões a que se dedicar. A mudança no modo de pensar altera a compreensão das gerações e pode levar a grandes mudanças culturais <sup>7</sup>.

Para se fazer a história da filosofia é importante possuir parâmetros ou ideias norteadoras. Para Ortega y Gasset são quatro: o que o filósofo propõe como verdade definitiva é apenas uma verdade incompleta ou parcial. O que falta a um sistema ou seus erros constitui o ponto de partida das gerações seguintes que pretendem superá-lo. Quando se leva a sério os erros aprende-se ou se experimenta o aspecto dinâmico da atitude cética que sempre estimula novas formulações. Finalmente, toda a teoria atual contempla, ainda

---

<sup>7</sup> No texto intitulado *la biblioteca de ideas del siglo XX*, Ortega y Gasset trata das mudanças no universo cultural e esclarece que uma cultura só muda quando altera seus pensamentos e que ela pode sucumbir “deixando de produzir novos pensamentos e novas normas” (304). A história da filosofia ajuda a entender as mudanças de cada tempo.



que como pressuposto, as teorias anteriores. Estas ideias representam os elementos formadores da história da filosofia para nosso filósofo.

**Abstract:** In this article we examine the significance of the history of philosophy in raciovitalismo of Ortega y Gasset. The philosopher does not believe that no one thinks philosophically address both current problems and past tense systems, hence the history of philosophy is a discipline of philosophy. For him, no other science in the story acquires a meaning of its development as large as in philosophy. The article also shows how, for him, creating philosophical binds to cultural moment in which it was produced, indicating the importance of believing in the background of thought and shows how the thinker distinguishes the great periods of philosophy.

**Keywords:** History of Philosophy; Raciovitalismo; Belief; Time; striking ideas.

## REFERÊNCIA

AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002.

CARVALHO, José Mauricio de. Lições de Ortega sobre a vida humana. *Revista Ética e Filosofia política*, Juiz de Fora, UFJF, 1 (1): 81-89, jul./dez. 1996.

\_\_\_\_\_. *Introdução à filosofia da razão vital*. Londrina: CEFIL, 2002.

\_\_\_\_\_. Ortega y Gasset; um interlocutor ainda atual. In: CARVALHO, José Mauricio de. *Atas do Colóquio Internacional Ortega y Gasset*. São João del-Rei: UFSJ e Club de Filosofia Prática de Espana, 2003.

\_\_\_\_\_. O conceito de circunstância em Ortega y Gasset. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: UFSC, 43(2): 331- 345, out. 2009.

\_\_\_\_\_. A problemática ética em *El espectador* de Ortega y Gasset. *ethic@*, Florianópolis: UFSC, 9 (1): 111-125, jun. 2010.

\_\_\_\_\_ e BESSA, Vanessa. O sentido de perspectiva em *El Espectador* de Ortega y Gasset. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: UFSC, 44(2): 399-415, out. 2010.

\_\_\_\_\_. O século XX em *El Espectador* de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral. *Argumentos*, Fortaleza: UFC, 2 (4): 4-18, ago/dez. 2010.

DROGUETT, Juan Guillermo. *Ortega y Gasset, uma crítica da razão pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, 4. ed..

ORTEGA Y GASSET, José. Hegel y América. In: *Obras Completas*. Madrid: Alianza, v. II, 2. reimpressão, 1994p. 563-576.

\_\_\_\_\_. El tema de nuestro tiempo. In: *Obras Completas*. Madrid: Alianza, v. III, 2. reimpressão, 1994 p. 143-242.

\_\_\_\_\_. Las Atlántidas. In: *Obras Completas*. Madrid: Alianza, v. III, 2. reimpressão, 1994, p. 283-316.

\_\_\_\_\_. La metafísica de Leibniz. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. III, 2. reimpressão, 1994, p. 431-434.

\_\_\_\_\_. Goethe, el libertador. In: *Obras Completas*,

Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpressão, 1994, p. 421-428.

\_\_\_\_\_. Pidiendo un Goethe desde dentro. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpressão, 1994, p. 395-420.

\_\_\_\_\_. El problema de China – un libro de Bertrand Russell. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpressão, 1994, p. 501-506.

\_\_\_\_\_. La filosofía de la historia de Hegel y la historiología. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpressão, 1994, p. 521-541.

\_\_\_\_\_. Max Scheler, un embriagado en essências. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpressão, 1994, p. 507-512.

\_\_\_\_\_. Guizot y la historia de la civilización em Europa. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. V, 2. reimpressão, 1994, p. 251-254.

\_\_\_\_\_. Apuntes sobre el pensamiento, su teurgia y su demiurgia. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. V, 2. reimpressão, 1994, p. 517-550.

\_\_\_\_\_. En el centenario de Hegel. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. V, 2. reimpressão, 1994, p. 411-430.

\_\_\_\_\_. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. V, 2. reimpressão, 1994, p. 453-460.

\_\_\_\_\_. Guillermo Dilthey y la idea de la vida. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpressão, 1997, p. 196-216.

\_\_\_\_\_. Historia de la filosofía de Karl Vorländer. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpresión, 1997, p. 292-300.

\_\_\_\_\_. A historia de la filosofía de Emile Bréhier. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpresión, 1997, p. 377-418.

\_\_\_\_\_. Biblioteca de ideas del siglo XX. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IV, 2. reimpresión, 1997, p. 304-314.

\_\_\_\_\_. La idea de principio de Leibniz y la evolución de la teoría deductiva. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. VIII, 2. reimpresión, 1994, p. 61-358.

\_\_\_\_\_. Origen y epílogo de la filosofía. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IX, 2. reimpresión, 1997, p. 345-434.

\_\_\_\_\_. Comentario al banquete de Platón. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IX, 2. reimpresión, 1997, p. 749-783.

\_\_\_\_\_. *Tocqueville y su tiempo*. In: *Obras Completas*, Madrid: Alianza, v. IX, 2. reimpresión, 1997, p. 327-331.

MARÍAS, Julián. *Acercas de Ortega*. Madrid: Espasa Calpa, 1991.

\_\_\_\_\_. *História da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROLDÁN, Concha. La presencia de Leibniz en el libro de Ortega. In: SALAS, Jaime e ALVAREZ, Lluís X. *La*

*última filosofia de Ortega y Gasset.* Oviedo: Editora de la Universidad, 2003.

SCIACCA, Michele Federico. *História da filosofia, do século XIX aos nossos dias.* v. III, 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1968.